

ENSINO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Rubens Antonio Gurgel Vieira
João Pedro Goes Lopes (Orgs.)



CAPÍTULO 1

IMPACTOS PANDÊMICOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Rubens Antonio Gurgel Vieira¹

João Pedro Goes Lopes²

Marcos Garcia Neira³

¹ Graduado em Educação Física pela FEFISO, Mestre em Educação pela FEUSP, doutorado em Educação pela Unicamp. Professor adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras.

² Graduado em Educação Física pela FEFISO, Mestre em Educação pela UFSCar Sorocaba, doutorado em Educação pela FEUSP. Professor da Rede Municipal de Sorocaba.

³ Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo com Livre-docência em Metodologia do Ensino de Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto elemento da maquinaria escolar cujas tecnologias pretendem certa formação subjetiva dócil e produtiva, a Educação Física teve o seu quinhão na função de constituição de subjetividades dóceis para servir à sociedade moderna. Os princípios e valores disciplinares encontram no componente um dispositivo eficiente para colocar em funcionamento o projeto social industrial e capitalista. A Educação Física nasce afinada com o pensamento da modernidade, o mesmo que criou as noções de Estado, ciência, homem racional e domínio da natureza (Vieira, 2020, 2022).

O currículo da Educação Física, aqui entendido como experiência de subjetivação (Silva, 1999), gera um território normalizado por signos sociais e processos que envolvem disputas de poder, valorização de tradições e a perspectiva de sujeito racionalizado que parte de uma enunciação sem ramificação política. A constância do discurso esportivo e seus códigos como meritocracia, esforço e superação, mediante trabalho em equipe, promovem o aprendizado da competição social. Mesmo que não se trate de um processo estanque, tal empreendimento realizado por décadas e alimentado à base de recursos públicos universalizou a prática esportiva nas escolas brasileiras.

Em artigo clássico da área, Bracht (1995) evidenciou a falta de uma essência que definisse o que é Educação Física, demonstrando seu caráter contextual e histórico. O campo curricular da Educação Física sofreu intensa movimentação a partir da década de 1980 devido às primeiras críticas ao seu caráter predominantemente esportivista e excludente. Contrapondo-se ao pensamento dominante, trabalhos provenientes da filosofia e da educação denunciaram o caráter excludente do componente, instaurando a chamada “crise de identidade” na área.

Esse movimento renovador abriu espaço para a eclosão de teorias curriculares que passaram a disputar a hegemonia, cada qual com sua visão de mundo, sociedade, escola, objetivos, métodos e esteios conceituais (Neira; Nunes, 2009). É possível identificar ao menos dois conjuntos, aquelas com novas roupagens acrílicas ancoradas nas ciências psicobiológicas, e outras contra hegemônicas, apoiadas no materialismo histórico e no pensamento proveniente da Escola de Frankfurt (Caparroz, 1997; Machado; Bracht, 2016).

Apenas no alvorecer do século XXI, a Educação Física traçou suas primeiras incursões nas teorizações pós-críticas (Lopes, 2013; Silva, 1999), consubstanciadas no denominado currículo cultural da Educação Física (Neira; Nunes, 2006; 2009). Seus referenciais epistemológicos enfatizam o aspecto discursivo da compreensão do real, legado das concepções

pós-estruturalistas; considera a cultura como central na análise social, como nos Estudos Culturais; rechaça a ideia de sujeito essencial e teorias explicativas universais, inspiração que vem dos estudos pós-modernos; e ainda bebe na fonte de outras teorias/ discursos como os estudos de gênero, pós-colonialismo, teoria *queer*, entre outros.

Preocupados em delimitar o campo de atuação curricular, Neira e Nunes (2009), perspectivados por Silva (1999), classificam as propostas de ensino da Educação Física em teorias curriculares tradicionais, críticas e pós-críticas. As consideradas tradicionais, que fundamentam currículos como o ginástico, esportivista, desenvolvimentista, psicomotor e saúde renovada (Neira, Nunes, 2009), geralmente lidam com os significantes citados de forma acrítica, ou seja, apostam, por exemplo, numa noção idealizada de conhecimento e têm por intento a sua reverberação. Por outro lado, teorias críticas do currículo (crítico-superadora e crítico-emancipatória) promovem questionamentos sobre o conhecimento veiculado e tentam demonstrar como as noções acríticas acabam por reproduzir uma sociedade e seus sujeitos dentro de um arcabouço ideológico que interessa, na verdade, aqueles/as que detêm o poder, geralmente entendido como poder financeiro e/ou cultural-midiático. Por fim, as teorias pós-críticas do currículo remetem ao currículo cultural ou perspectiva culturalmente orientada (Neira; Nunes, 2006; 2009; 2022), entendem todos esses significantes citados como produções culturais em que se disputa o poder pela significação. Nesse sentido, ninguém detém o conhecimento, este é sempre disputado dentro dos jogos de representação que a cultura engendra - nem o poder é um só, nem os sujeitos são todos/as ideologizados: entende-se que a questão é sempre onde nos posicionamos e que tipo de representação acessamos, veiculamos, desconstruímos ou promovemos.

Esse breve mapeamento curricular nos aponta um campo ativo, arena de enfrentamentos que, entre avanços e recuos, nos impele a perseguir outras possibilidades a partir de novos princípios que surgem tanto das discussões teóricas educacionais, quanto das demandas que emergem das intensas relações que se estabelecem na sociedade contemporânea tecnológica e neoliberal. O que o ano de 2020 trouxe como inédito foi justamente o contexto pandêmico com “ares apocalípticos” devido à rápida disseminação da Covid-19, doença até então não diagnosticada pela contaminação de um novo coronavírus, o Sars-Cov-2.

A pandemia alterou dimensões humanas em todo o planeta, o que levou Veiga-Neto (2020) a afirmar que a crise sanitária deveria ser vista como uma sindemia. O termo objetiva compreender o vírus como causador de alterações sociais, culturais e econômicas em todo o mundo, implicando na saúde global e nos contextos macroestruturais. Concordando com o autor, buscamos articular aspectos macro e micro na tessitura das análises a seguir.

Sem querer decretar o fim do processo, pois os efeitos ainda se fazem sentir, diversos trabalhos foram publicados entre fevereiro de 2020 e maio de 2023, acerca do ensino da Educação Física, abarcando da fase inicial à pós-vacinal da sindemia. Naquele período, acionamos o comando Google Alerta disponibilizado pelo portal Google Acadêmico para termos-chave como: pandemia, ensino remoto e Educação Física¹. Os artigos publicados que continham tais elementos eram remetidos para a caixa de e-mail, automatizando um trabalho que demandaria uma revisão sistemática da literatura. Como o portal dá acesso a uma ampla variedade de estudos nas mais variadas áreas do conhecimento, julgamos ter obtido um desenho encorpado das pesquisas que se embrenharam na selva sindêmico-científica. Reunimos um total de 16 artigos científicos e, na sequência, discutimos cada um deles, traçando alguns paralelos. Outras modalidades de comunicação como apresentações em congressos ou teses/dissertações foram descartadas.

Cabe alertar também: mesmo que essa tríade citada seja uma discussão amplamente conhecida no campo curricular, o trabalho de Silva (2007) e de Neira e Nunes (2009) na Educação Física, não estão isentos de possíveis contra-argumentos, visto que as próprias obras reconhecem a dificuldade de localizar campos teóricos tão ricos e vastos em significantes restritos. Nesse sentido, procurando manter um paralelo com o que já foi produzido no campo, a análise incidiu, principalmente, no referencial adotado pelo/as autores/as para discutir os resultados das pesquisas. Partimos do pressuposto que a mobilização dos argumentos extraídos das obras basilares revela a teoria curricular à qual a autoria se filia. Consequentemente, tal perspectiva repercute na forma de se falar sobre a Educação Física na sindemia - e, assim, representá-la (Hall, 2016).

Seguindo tal raciocínio, principiamos por textos que possuem referências compostas de um arquétipo que poderia ser denominado tradicional; passando por referenciais críticos; caminhando para aqueles que transitam entre crítico e pós crítico; e, por fim, abordando os que se localizam a partir de um quadro teórico tributário ao pós-crítico.

2 O QUE APONTAM OS ESTUDOS SELECIONADOS

A análise dos artigos a partir da classificação mencionada permitiu identificar seis trabalhos em que a compreensão de Educação Física durante a sindemia alinhou-se às teorias curriculares tradicionais. Inicialmente, Cruz et al. (2021) obtiveram junto aos 30 coordenadores de Educação Física das Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAES) do Paraná, informações a respeito da experiência da instituição com o ensino remoto. A

¹ Esse capítulo é recorte de pesquisa anterior, ampliado e revisado em coautoria. A pesquisa prévia pode ser vista na íntegra em: VIEIRA, R. A. G. Desafios pandêmicos: produção de subjetividades na Educação Física cultural. 2023. 116f. Relatório de pesquisa. (Pós-Doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2023.

partir de uma abordagem quali-quantitativa, elaboraram e aplicaram um questionário. Os resultados apontam que os/as profissionais entrevistados/as encontraram dificuldades em conciliar seus afazeres domésticos com as aulas remotas, devido a uma demanda maior de trabalho, considerando o tempo necessário para planejamento de conteúdo, gravação de aulas e necessidade de se adaptar para conseguir a atenção dos/as alunos/as, bem como a dificuldade em lidar com os novos artefatos tecnológicos desnecessários até então. Os/as participantes relataram que inúmeras estratégias precisaram ser adotadas na tentativa de conter os danos da discrepância do contato direto e visual para o virtual. Quando os/as entrevistados/as foram questionados/as se sentiam preparados/as para continuar as atividades remotas no ano de 2021, a maioria disse que não, alegando falta de instrução e dificuldade, apesar da experiência pré-adquirida no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Barbosa (2023) pesquisou a introdução dos esportes de aventura na Educação Física em uma turma de Ensino Médio Integrado durante o ensino remoto. A autora optou pelo uso de metodologias ativas na intenção de estabelecer um processo de aprendizagem motivador, que engajasse os/as alunos/as e vissem relação com o curso que escolheram. Foram realizadas atividades uma vez por semana durante o primeiro e o segundo semestres de 2021, com uso das ferramentas *Google Forms*, *Canva*, *Google Meet* e *AVA Moodle*, a fim de debater e refletir sobre os esportes de aventura; adotaram a sala de aula invertida, que deixa a cargo do/a aluno/a o conhecimento básico e compete ao/à professor/a os estágios mais avançados; a gamificação, que traz o universo de jogos e suas linguagens para despertar interesse no processo de aprendizagem; e a cultura *maker*, que visa aumentar a autonomia durante o processo educacional. Segundo a autora, os/as discentes puderam conhecer melhor as modalidades em questão, o que despertou seu senso crítico ao terem que relacionar a educação ambiental com a prática esportiva, abordando assuntos relacionados ao capitalismo e desigualdades socioeconômicas.

Maia Filho et al. (2022) desenvolveram uma pesquisa sobre a opinião dos/as estudantes do ensino fundamental de uma escola pública em Maceió (AL), acerca das aulas de Educação Física no ensino remoto. Os dados analisados consistiram em informações coletadas durante uma roda de conversa realizada com o aplicativo *Google Meet*. Os autores concluíram que o ensino remoto é visto pelos/as alunos/as como “inovador” e também “desafiador”, uma vez que promove a aproximação com a tecnologia - mas também está sujeito a maiores distrações. Os/As discentes acreditam na continuidade do ensino híbrido, como meio de acessibilidade e segurança.

Silva, Lima e Braga (2022) investigaram como os/as três professores/as de Educação Física que atuaram remotamente em 2020 e 2021 concebem as aulas. Também problematizaram a falta de capacitação técnica dos/as docentes para lidar com os ambientes virtuais, a carência de recursos materiais para o desenvolvimento das aulas remotas e a indivisibilidade entre horário de trabalho e não-trabalho. Os resultados giram em torno da falta de infraestrutura, falta de conectividade dos/as alunos/as, falta de engajamento dos mesmos nas atividades e da falta de preparo docente para lidar com o ensino remoto emergencial. Os autores discutem que os/as docentes necessitariam estabelecer novos meios de comunicação com os/as discentes, de modo a atender as demandas socioeducativas de cada um, no entanto, esses fatores implicariam diretamente na sobrecarga e acúmulo de trabalho.

Ariosi e Ribeiro (2022) identificaram como os/as professores de Educação Física no centro-oeste paulista responderam às demandas de atividades remotas durante a pandemia, analisando as estratégias utilizadas e as percepções desses/as profissionais diante do novo contexto. Para tanto, elaboraram e enviaram um questionário semiestruturado para 49 professores/as de Educação Física atuantes na região. Os/as respondentes mencionaram incertezas, preocupações, ansiedade, mas também esperança e motivação. Dentre os desafios enfrentados, relacionaram a falta de acesso dos/as alunos/as aos recursos tecnológicos e a dificuldade de trabalhar a vivência corporal no ambiente digital. Apesar disso, os resultados mostram que os/as professores/as se adaptaram e buscaram superar as dificuldades para garantir um ensino de qualidade durante o período. Os/As autores/as consideram os pontos negativos mais marcantes que os pontos positivos. Ainda nesse estudo, foi constatado que muitos/as alunos/as enfrentaram dificuldades no acesso à internet e dependeram do apoio familiar para realização de atividades, enquanto os/as docentes lidaram com sentimentos de apreensão e falta de perspectiva, sendo preocupante a ausência de suporte e reconhecimento. Também entendem que o ensino remoto não oferece os mesmos resultados e igualdade de acesso para todos/as os/as alunos/as, problemas que vão além da competência educacional.

Lima, Oliveira e Azevedo (2022) realizaram uma pesquisa sobre o ensino remoto em um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no interior cearense. Foram levantadas questões sobre o contexto da adoção do ensino remoto nos CEJAs, o funcionamento dessas instituições, a importância da Educação Física na formação dos/as estudantes e a prática docente nesse contexto. Os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico enviado aos/às professores via *Google Forms*. Dois/duas professores/as participaram da pesquisa e os dados do questionário foram analisados por meio de induções sobre as respostas. Antes da pandemia, as aulas de Educação Física na EJA eram ministradas de

forma semipresencial, com atividades teóricas e práticas. Os resultados das pesquisas nesse contexto mostraram que a Educação Física costumava ser mais informativa, com foco em conteúdos teóricos e pouca conexão com a cultura corporal. Isso significa que a disciplina já possuía deficiências na seleção de conteúdos antes do período pandêmico, enfatizando noções conceituais, enquanto as vivências corporais ocorriam de forma bem fragmentada. No ensino remoto, os/as professores/as apontaram o Whatsapp como principal ferramenta tecnológica, mas não era eficiente para manter os alunos engajados nas interações virtuais. A adoção do ensino remoto comprometeu a realização de atividades práticas, assim como interações presenciais, porém ficou reconhecido como a alternativa encontrada e os/as professores/as alegam ter aprendido muito com a experiência.

Em relação ao que classificariamos como teorias curriculares críticas da Educação Física, a análise empreendida identificou 2 artigos. Oliveira e Mendes (2021) levantaram questões acerca da relação entre mídia-educação, Educação Física e o uso de *podcasts*² como recurso pedagógico. Tendo por objetivo refletir acerca de uma experiência pedagógica desenvolvida durante o ensino remoto emergencial, desenvolveram uma pesquisa-ação junto às turmas do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior de Minas Gerais. Os principais resultados encontrados apontaram que, quando instigados com atividades de cunho autônomo, cada grupo de estudantes escolheu uma forma de cumprir com os requisitos do que foi proposto, apresentando maneiras criativas e críticas de socializar suas percepções. As mensagens trocadas entre os/as estudantes indicam que o uso das mídias nas aulas de Educação Física desperta interesse e participação, podendo trazer benefícios, caso se atendam as realidades dentro do contexto escolar.

Também para Godoi et al. (2020), os/as professores/as de Educação Física foram desafiados durante o ensino remoto devido à identificação do componente com os saberes do fazer, ou seja, pelas vivências e as experimentações. A utilização de vídeos possibilitou discussões relacionadas às práticas corporais. Os/As docentes relataram dificuldades na adaptação e flexibilização acerca da nova forma de ensino e aprendizagem virtual. Por mais que reconheçam que as ferramentas tecnológicas podem melhorar o ensino, também geram insegurança, dúvidas e sobrecarga de trabalho. Além disso, reclamaram da falta de engajamento e participação efetiva dos estudantes no AVA.

Dentre aqueles que se posicionam entre crítico e pós-crítico, a análise do corpus empírico classificou quatro trabalhos. Paixão, Ferenc e Nunes (2022) analisaram o ensino remoto na Educação Física durante a pandemia por meio de entrevistas com 6 docentes das

² Conteúdo em áudio disponibilizado em arquivo ou transmitido pela internet, versando sobre assuntos diversos e que pode ser entretenimento, acadêmico ou profissional.

redes pública e privada da cidade de Viçosa (MG). A transcrição das entrevistas realizadas por meio da plataforma *Google Meet* foi submetida à análise de conteúdo. Na visão dos/as participantes, o ensino remoto emergencial apresentou demandas relacionadas a recursos tecnológicos e procedimentos didáticos. Também surgiram demandas relacionais, envolvendo a interação professor/a-aluno/a e estratégias de estímulo à participação nas aulas. As famílias e as relações familiares desempenharam um papel significativo nas singularidades e resultados escolares dos/as alunos/as. Os/As autores/as também constataram que as redes pública e privada adotaram ações parecidas, mas as dificuldades se avolumaram para os/as professores de Educação Física. Isso resultou em uma maior valorização da disciplina, com inclusão de avaliações e conteúdos teóricos. Os/as pesquisadores/as ressaltam o quanto essa valorização é importante devido ao histórico foco prático e aos preconceitos enfrentados pelo componente. Quanto ao legado deixado pelo ensino remoto, chegou-se à conclusão que o desenvolvimento tecnológico está acontecendo de forma muito rápida na educação e que sua tomada de espaço será irremediável. Contudo é importante garantir que a tecnologia não acentue as desigualdades existentes no acesso e também na qualidade do ensino. Os/As autores reconhecem que a inclusão digital dos/as estudantes e professores/as requer atenção e cuidados, envolvendo família e escola. Defendem que o uso de tecnologias nas aulas de Educação Física pode trazer grandes melhorias, diversificando e incluindo o trabalho pedagógico com diferentes práticas corporais, o que requer um olhar atento das políticas públicas.

Baptista (2021), por sua vez, objetivou identificar os desafios de uma professora de Educação Física que atuou no ensino fundamental da rede pública de Maricá (RJ) no período 2020-2021. A rede pública de Maricá adotou a plataforma *Hub Educacional* como meio de comunicação com os/as alunos/as, mas segundo os relatos, a maioria não possuía acesso à internet, o que desencadeou uma baixa participação. A professora optou por usar a dança como forma de abordar os conceitos da Educação Física, associando ferramentas digitais como parte da realidade dos/as alunos/as. A atividade proposta incluiu a reprodução de coreografias e a criação de novas, bem como a exploração da história da dança, incluindo as danças de origem afro-brasileira e sua influência na cultura. Outro assunto abordado foram os Jogos Olímpicos, desde a sua criação até o adiamento dos jogos de Tóquio em 2020 como consequência da pandemia. A autora afirma a dificuldade pedagógica de transformar conteúdos majoritariamente abstratos em atividades que motivem os/as alunos/as sem desconsiderar as desigualdades socioeconômicas e a necessidade de se buscar formas de contato e proximidade com aqueles/as que não têm acesso às tecnologias digitais. Defende,

ainda, a necessidade de formação continuada e diálogo com metodologias de ensino mais democráticas.

Velloso et al. (2022) analisou práticas pedagógicas das aulas de Educação Física durante em 2020 e 2021. O estudo mostra que, perante o desafio de ir além do espaço físico e a carência de materiais, alguns/algumas professores/as melhor que outros/as, conseguiram se adaptar, problematizando e dialogando criticamente com seus/suas alunos/as sobre temas relevantes, contribuindo para a formação de sujeitos críticos. Chegou à conclusão que os/as professores/as buscaram entender e respeitar as realidades dos/as estudantes, promovendo reflexões sobre as práticas corporais por meio do uso consciente das tecnologias. Os autores terminam salientando a relevância da formação continuada em momentos como os que foram vivenciados e na construção pedagógica da Educação Física para a formação de cidadãos/ãs conscientes e ativos/as no mundo.

Fonseca, Santos e Oliveira (2022) examinaram as percepções de estudantes com deficiência dos cursos de Licenciatura em Educação Física com relação ao ensino remoto. As autoras indagam sobre as experiências e desafios enfrentados pelos/as licenciandos/as com deficiência no período pandêmico, o apoio institucional recebido, as estratégias adotadas para superar as dificuldades e as possibilidades de inclusão na formação docente. Algumas barreiras foram destacadas: a dificuldade de comunicação com os/as docentes durante a formação; com os equipamentos tecnológicos; com o contexto extra-universidade em tempo pandêmico e as atitudes e metodologias empregadas. Os resultados mostram a necessidade de se oferecer suporte, disponibilizar materiais, promover interação entre professores/as e alunos/as, fornecer apoio e acesso a recursos materiais e tecnológicos, além de buscar uma formação que valorize as individualidades e saberes dos estudantes com deficiência. Os/as docentes formadores/as precisam ser sensibilizados/as para lidar com cada uma das possíveis diferenças e construir ambientes formativos mais inclusivos.

O último grupo é composto por quatro artigos cuja análise identificou influências da teorização pós-crítica na compreensão do ensino de Educação Física no triênio 2020-2022. Para começar, Januário, Morais e Rodrigues (2022) averiguaram as possibilidades da Educação Física no ensino remoto sob a perspectiva inclusiva, levantando questões sobre a luta dos/as profissionais da educação durante a crise sanitária, os desafios enfrentados pelos/as professores/as no ensino remoto emergencial e a falta de proteção e apoio às pessoas com deficiência durante a pandemia. O estudo evidencia que os/as professores/as enfrentaram dificuldades na comunicação, principalmente em relação aos estudantes com deficiência, devido à falta de acesso às plataformas digitais. As discussões em encontros

pedagógicos entre professores/as e gestores/as foram marcadas pela busca de estratégias e ferramentas para tornar o contato com as famílias dos/as estudantes mais próximos. Um desafio recorrente foi a exclusão digital, pelo fato de que muitos/as estudantes não possuíam dispositivos eletrônicos ou acesso à internet. Isso fez com que a realidade se agravasse, evidenciando a desigualdade socioeducacional. Houve um grande esforço para adaptar as atividades às necessidades pedagógicas de cada estudante com deficiência, buscando a participação ativa. Contudo, as narrativas dos/as participantes refletiram um período marcado por um intenso volume de atividades, o que gerou frustração tanto nos familiares quanto nos/as professores/as, que expressaram preocupações conteudistas pela falta da interação e do vínculo com os/as alunos/as com deficiência - o que, de certa forma, parece tentar compensar as aulas não presenciais. Salientam, por fim, que o ensino remoto não substitui a interação humana, além de agravar a exclusão social.

Neira (2021) investigou como a proposta cultural em Educação Física se adequou ao ensino remoto emergencial por meio da análise de 60 registros em vídeo produzidos entre março e agosto de 2021. Os vídeos foram elaborados por 11 docentes que afirmaram colocar o currículo cultural em ação e que atuam em diferentes etapas da Educação Básica, na modalidade regular e na EJA. O autor encontrou como possibilidades os encaminhamentos didáticos que caracterizam a proposta: mapeamento, vivência, leitura e ressignificação da prática corporal, aprofundamento, ampliação e registro. Como impossibilidade, detectou a avaliação nos moldes sugeridos pela Educação Física cultural, além da escrita-curriculo.

Neira e Souza (2022) também investigaram as possibilidades de colocar na prática pedagógica as inspirações teóricas culturais durante o período de isolamento social. O autor e a autora entrevistaram quatro docentes que afirmam serem adeptos do culturalismo pedagógico e que atuaram no ERE entre março e agosto de 2021. Então realizaram uma análise cultural em cima dos registros digitais e perceberam que o distanciamento e isolamento social não impediram os docentes de se pautarem pelos princípios ético-políticos, tampouco impossibilitaram a utilização das ferramentas didáticas. Corroborando os estudos de outras vertentes, o maior empecilho foram as limitações de acesso à internet por parte discente.

Por fim, Souza e Neira (2022) analisaram de forma qualitativa dois relatos de experiência ancorados na epistemologia da perspectiva cultural em Educação Física como forma de identificar as dificuldades e realizações da proposta entre 2020 e 2021. Como principais dificuldades, encontraram o negacionismo discursivo presente na sociedade brasileira que interpenetrou o ensino remoto emergencial, a constante precarização e desva-

lorização da educação nacional, o contexto polarizado e desqualificado imposto pela política nefasta do governo federal, além das condições insuficientes do acesso à internet por parte da comunidade escolar. Entretanto, apesar das afrontas cotidianas, docentes culturalistas foram capazes de performar o currículo cultural, que se mostrou uma opção viável e potente para a Educação Física no período sindêmico.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Em que pese as diferentes configurações teóricas, distintos conceitos de aplicação e diversas redes de atuação, todos os trabalhos analisados evidenciam o tamanho do desafio enfrentado pelos/as professores/as que se propuseram a ensinar Educação Física durante o período de emergência sanitária. Aspectos como a precarização escolar, as diferenças de acesso à internet e a exaustão docente parecem perpassar os territórios pedagógicos. Esses vetores de força nos permitem compreender o processo de subjetivação docente decorrente do período sindêmico e posterior. Análises preliminares apontam para um exaurimento da energia dos/as educadores/as, mas, de forma a produzir novas estratégias, há um otimismo frente às novas tecnologias. Contudo, é importante ressaltar o ímpeto de professores/as e pesquisadores/as em registrar esse momento por meio de artigos, relatos de prática, teses, dissertações, vídeos, locuções etc. Como o presente estudo ateu-se exclusivamente aos artigos publicados em revistas científicas, deixou de contemplar muitas outras produções que descrevem as agruras e soluções encontradas na travessia de vários meses, denunciando descasos, frustrações, mas também, demonstrando capacidade de invenção de alternativas didáticas anteriormente desconhecidas.

É importante notar, que independentemente da perspectiva curricular que influenciou os trabalhos e o modo de lidar com a sindemia, as pesquisas sinalizam dificuldades assemelhadas, o que nos leva a considerar pontos de comum acordo sobre as maiores barreiras impostas pelo ensino remoto emergencial: a dificuldade de acesso à internet; descasos do poder público com a educação; defasagens em relação ao distanciamento; volume intenso de atividades que tentaram compensar as aulas não presenciais; a quebra de vínculo entre docente e discente; problemas em lidar com as novas plataformas digitais (o que nos remete, evidentemente, ao caráter emergencial e muitas vezes improvisado de todo o ocorrido); e, principalmente, em relação aos/às alunos/as com pouco ou nenhum acesso à internet - o que era intensificado entre discentes com algum tipo de deficiência. Precisamos reconhecer os esforços da grande maioria dos/as atores/atrizes educacionais, inseridos no contexto de aulas remotas, emergenciais e semipresenciais, mas, apesar das estratégias, não

podemos nos valer de visões amplamente animadoras, visto que docentes e discentes, quase à deriva, tiveram de dar continuidade às suas tarefas de maneira precária e incerta.

Temos também alguns limites de pesquisa, visto que o acesso às plataformas só foi possível pelo *Google Forms*, assim como apenas um recorte temporal - o que, certamente, correrá o risco de defasagem dentro de alguns anos, visto que os efeitos da pandemia serão, certamente, reconhecidos ainda por tempo indefinido. Isso nos leva a questionar: e se essa pandemia tivesse durado mais tempo? Se formos afetados/as por um novo vírus imprevisível? Seremos reconduzidos ao mesmo espaço de precarização, abandono e improvisado? Afirmações como as anteriores e questões como essas, abrem, a nosso ver, margem para a necessidade de outras revisões científicas que evidenciem os efeitos, ao longo dos anos, de todos esses processos no campo da Educação Física e da educação em geral.

REFERÊNCIAS

ARIOSI, C.; RIBEIRO, F. Cenário das aulas de Educação Física escolar no contexto da pandemia covid-19 no centro-oeste paulista. *Humanidades & inovação*, n 61, v 08. 2022.

BAPTISTA, G. O ensino remoto emergencial e os desafios de uma professora de Educação Física que atua no ensino fundamental. *Revista fluminense de Educação Física*, Setembro de 2021.

BARBOSA, R. Esportes de aventura no ensino remoto: experiências com metodologias ativas nas aulas de Educação Física. *Revista Motrivivência*, Florianópolis n 66, v 35. 2023.

BRACHT, V. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “o que é Educação Física”? *Movimento*, ano 2, n. 2, junho, 1995.

CAPARROZ, F. E. *Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

CRUZ, E. N. da; GOVEIA, J. C. de; HABINOSKI, G.; VARGAS, T. M.; VARGAS, L. M.; Educação na pandemia: perspectiva dos coordenadores regionais de educação física das APAES do estado Paraná sobre o ensino remoto em 2021. *Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista*, v.21, n.02, p.43-51, 2022. ISSN; 1981-4313.

FONSECA, M.; SANTOS, M.; OLIVEIRA, K. Ensino remoto e formação docente na Educação Física: percepções de licenciandos com deficiência. *Periódico horizontes*, 2022.

GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. A.; CANEVA, C. O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de Educação Física. *Research, Society And Development*, [S. L.], v. 9, n. 10, p. 1-19, 3 out. 2020.

- HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- JANUARIO, P.; MORAIS, M.; RODRIGUES, G. Desafios e possibilidades da Educação Física no ensino remoto: experiências docentes sob a perspectiva inclusiva. *Periódico horizontes*. 2022.
- LIMA, P.; OLIVEIRA, G.; AZEVEDO, M. A atuação de professores de Educação Física no ensino remoto em um CEJA do interior do Ceará. *Periódico horizontes*. 2022.
- MACHADO, T. S.; BRACHT, V. O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 849-860, julho/setembro, 2016.
- MAIA FILHO, H. J. de S; SANTIAGO, L. V.; SANTOS, M. H. S.; HOLANDA, S. F. M. O ensino remoto e as aulas de educação física durante a pandemia (SARS-COV-2): sentidos produzidos por estudantes de uma escola pública em Maceió-AL. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.8, n.1, p. 7007-7015. jan. 2022.
- NEIRA, M. G. O possível e o impossível da Educação Física cultural em tempos de pandemia. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 08, n. 61, p. 210-223, out. 2021.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) *Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física*. São Paulo: FEUSP, 2022.
- NEIRA, M. G.; SOUZA, R. A. P. A Educação Física cultural em tempos de isolamento social. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-16, 2022.
- OLIVEIRA, K.; MENDES, G. Produzindo podcasts na Educação Física escolar: possibilidades e desafios durante o ensino remoto emergencial. *Novas tecnologias na educação*. n. 02, v. 19, dezembro de 2021.
- PAIXÃO, J.; FERENC, A.; NUNES, D. O ensino remoto emergencial de Educação Física frente às exigências do contexto de pandemia em escolas de educação básica. *Educação em foco* n.45. Abril de 2022.
- SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, M.; LIMA, E.; BRAGA, P. Educação Física escolar em tempos de ensino remoto: relato de professores da rede pública. *Praxia*, Goiânia v.04. 2022.
- SOUZA, R. A. P.; NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física no ensino remoto emergencial. *Pensar a Prática*, [S. l.], v. 25, 2022.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. *Educação & Realidade*, v. 45, 2021.

VELLOSO, L.; GOMES, F.; DIAS, L.; VICENTE, M.; FREIRE, E.; RODRIGUES, G. Da constituição histórica da Educação Física escolar às práticas pedagógicas em tempos de ensino remoto: a busca da legitimidade no pós-pandemia. *Corpoconsciência*. Dezembro de 2022.

VIEIRA, R. A. G. *Conceitos em torno de uma Educação Física menor: possibilidades do currículo cultural para esquizoaprender como política cognitiva*. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

VIEIRA, R. A. G. *Desafios pandêmicos: produção de subjetividades na Educação Física cultural*. 2023. 116f. Relatório de pesquisa. (Pós-Doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2023.

VIEIRA, R. A. G. *Educação Física menor*. Jundiaí: Paco, 2022.

ENSINO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O livro é uma coletânea de estudos que examinam questões contemporâneas na Educação Física escolar. Abrangendo temas como os impactos da pandemia, os estilos de ensino de Mosston, o desenvolvimento motor, a decolonialidade na educação de juventudes negras e as práticas corporais de aventura, a obra reúne textos de docentes e orientandos do Departamento de Educação Física da UFLA. Destacando a colaboração acadêmica e a diversidade de perspectivas, o livro oferece uma reflexão crítica e abrangente sobre os desafios e inovações na área, sublinhando a importância de programas de pesquisa robustos e colaborativos para o desenvolvimento educacional no Brasil.

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,
Belém - PA, CEP: 66045-315

